

## DEVOÇÕES NO JURUSSACA: DA LOUVAÇÃO AOS CAMINHOS

Glauce de Fátima Fernandes da Silva<sup>1</sup>  
Daniel dos Santos Fernandes<sup>2</sup>

Na atualidade, o termo “quilombo” e/ou “remanescente de quilombo” perpassa uma significação que não está contida somente nas definições elencadas nos/pelos dispositivos legais que regem os critérios de reconhecimento e concessão de títulos às comunidades quilombolas, mas às identidades coletivas que cada comunidade vivencia. Assim, segundo O’Dwyer (2002), cada grupo elabora sua própria forma de reconhecer-se como “quilombola” ou “remanescente de quilombo” a partir de suas próprias experiências, e validando-se a partir dos próprios critérios. É isso que faz a comunidade quilombola de Jurussaca (Tracuateua/Pará) durante a “Festa de Todos os Santos”.

Segundo assinala Silva (2014), o título de quilombo foi concedido à comunidade Jurussaca em 2002, pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), recebendo amparo pela Lei Estadual nº 6.165, de 02 de dezembro de 1998, que dispõe sobre a legitimação de terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos. A partir do (auto) reconhecimento da comunidade como quilombo e da formalização legal (titulação) a comunidade Jurussaca passou a (re)afirmar sua identidade quilombola a partir de alguns elementos culturais que lhe são peculiares, como por sua religiosidade, cuja principal manifestação é a “Festa de Todos os Santos”.

Contam as narrativas orais do local que os santos que hoje, lhes concedem tantas bênçãos, outrora provaram bem maior compaixão ao ouvirem as súplicas de um filho daquela terra que tinha receio que os homens do lugar não voltassem da guerra. O homem pediu a todos os santos do mundo que intercedessem por ele, para que tal fato não viesse a cair sobre a comunidade. Prometeu-lhes que se alcançasse aquela graça juntaria todos os santos do lugar e os levaria em procissão enquanto durassem seus dias, e assim o fez. Após sua morte as pessoas da comunidade continuaram a procissão, que na atualidade está no centro de suas tradições, repetindo-se anualmente em outubro. Assim, confirma-se que:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, à consciência de ter suportado, compreendido muita coisa [...] Momentos

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLSA) – Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Bragança. Email: [glaycesilv@gmail.com](mailto:glaycesilv@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais – Antropologia, Professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPGLSA) – Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Bragança. Email: [dasafe@msn.com](mailto:dasafe@msn.com)

desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente (BOSSI, 1994, p. 82).

Durante a festividade a comunidade, todos os anos, concentra-se em busca de alcançar novas graças e em agradecimento às bençãos recebidas: saúde, bom plantio, lavoura farta, chuva para molhar o roçado, peixes para pescar nos lagos. Tudo começa em altar improvisado no barracão de festas próximo à igreja onde os santos esperam o momento de saírem pelos caminhos, visitando casa por casa e levando prosperidade.

Com os homens vão os estandartes com as imagens do santo preto. Após a louvação os santos são levados em procissão para fora do barracão, seguem caminhos a fora, percorrem as terras do Jurussaca e das comunidades vizinhas. São Benedito vai à frente e os outros santos logo vêm, todos bem protegidos no colo e envoltos em um pano branco, em agradecimento por protegerem aquele povo tão bem. A cada casa serão repetidas as orações e as ladainhas. O santo protetor da moradia há de fazer companhia. E assim as pessoas somem por entre as curvas do caminho. Dali a três ou quatro dias retornarão ao barracão com todas as imagens entronizadas na procissão. Alguns dias após a “Festa” cumprirão a “deixação” dos santos, momento em que cada santo da procissão será devolvido à casa de origem e/ou à igreja.

No Quilombo Jurussaca, ali, após a curva do caminho, se encontram aquelas pessoas, homens, mulheres e crianças que entoam e rezam em louvação a São Benedito, o seu santo padroeiro, e a tantos outros santos que abençoam o povo do lugar. Lá, se entoa ladainha em latim caboclo, acompanhada pelos tambores, reco-recos, onças e pandeiros.

## REFERÊNCIAS

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos**. In: *Quilombos: Identidade étnica e territorialidade*. O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, pp. 13-42.

SILVA, Jair F. C. **O Português Afro-Indígena de Jurussaca/PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da Comunidade a partir da textualidade**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)-Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014.













